Jornadas Internacionais da FICPM

Seminário de Vilar, Porto, 27 de outubro de 2018

**Para uma pastoral da felicidade**

Matrimónio: Uma Caminhada de Amor para a Vida

**Introdução**

Numa linguagem simples e concreta, o Papa Francisco, na Exortação *Amoris Laetitia,* conduz-nos na redescoberta da beleza e do valor do matrimónio cristão como obra prima e graça de Deus criador e, simultaneamente, uma vocação e missão específica do ser humano. Não deixa de veementemente alertar:

“*Precisamos de encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio de matrimónio.*” (AL 40)

A AL não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida. Também aqui vale o princípio de que o tempo é superior ao espaço. Ou seja, trata-se de gerar processos mais do que dominar espaços (AL 261). Convida a pensar a pastoral através de um itinerário bem preciso que passa por: escutar, discernir, acompanhar e integrar (cf. AL 8).

Faz-nos bem reparar, preventivamente, no contrário destes verbos: em vez de escutar, *impor*; em vez de discernir, *aplicar mecanicamente as normas morais*; de acompanhar, *abandonar*; em vez de integrar, *excluir*.

O matrimónio “por amor” corre sempre o risco de se fechar num empobrecimento narcisista, se não acolhe o apelo a desenvolver o *eros,* sobretudo na sua abertura para com os filhos e a sociedade, mas mais ainda a transfigurar-se em *amor agápico*, oblativo e total, que permite redescobrir o simbolismo profundo do sacramento, que a partir da Graça de Deus harmoniza o *eros* e o *ágape*.

**Ideia central desta reflexão:** a existência humana deve ser conduzida no concreto da vida quotidiana com os pés bem assentes “na terra” e o espírito voltado “para o céu”. Tudo isto é ainda mais necessário para o matrimónio cristão que deverá ser tecido, “artesanalmente”, pelos fios da **conjugalidade,** **parentalidade e fraternidade místicas, realistas e oblativas.**

**1.Compreender o nosso tempo (escutar e acolher)**

É preciso partir do contexto pós-moderno em que vivemos. Trata-se de um convite feito pelo próprio Papa Francisco: “O cristão não está imune às mudanças do seu tempo, e deve por isso ter consciência da transformação do quadro epocal que incide sobre a cultura social dos ligames familiares.” *(Discurso aos bispos dos Estados Unidos da América*, Washington, 23 de setembro 2015)

Cremos que o convite do Papa Francisco a escutar, acompanhar, discernir e a integrar, como critérios para uma pastoral adequada ao presente, pode verdadeiramente tornar eficaz e fecunda a pastoral familiar.

Ao falarmos de matrimónio não nos referimos a relacionamentos fugazes, que se conectam e desconectam, mas a relacionamentos fundados sobre a estabilidade, a fidelidade e a indissolubilidade. Constatamos que tudo isto está em contradição com a cultura pós-moderna alicerçada sobre a desconstrução, a instabilidade e que reivindica um *clik* para desconectar (o divórcio), ou seja, fundada sobre uma cultura do provisório.

Numa tentativa de síntese, apresentam-se três colunas do pensamento pós-moderno, na tentativa de entrar em comunicação com a mentalidade contemporânea e para que o anúncio evangélico possa tornar-se mais relevante e incisivo.

**a)A natureza**. Para o pensamento débil pós-moderno a criação é somente natureza, perdeu o seu caráter metafísico, não é mais sinal do Criador, é somente química, matéria manipulável. A nível antropológico, é também difícil falar de natureza humana universal, porque o homem privado de essência fica confinado à existência. Também a masculinidade e a feminilidade se tornam assim insignificantes e não mais sinais da dimensão esponsal constitutiva do homem.

**b)A verdade**. É considerada perigosa, pois pode fazer dos outros inimigos e desencadear violência, e de violência ideológica está, de facto, repleta a história sempre que o dogmatismo absolutizado impôs a sua própria verdade sobre as minorias ou sobre os mais frágeis. A verdade deve por isso fragmentar-se em infinitas possíveis interpretações. Afirma-se que não existem factos, mas somente interpretações. À verdade é oposta a solidariedade, porque esta sim tende a unir.

**c)A cultura**. O homem privado de essência é uma construção cultural, é criador de si mesmo, um “eu nómada” (e mónada) em contínua evolução. Portanto, a tradição que não raramente se revelou autoritária, homologante e carregada de estereótipos e preconceitos, é desconstruída, porque assim cada um pode inventar-se a si mesmo arbitrariamente.

**2.Discernir a partir do sentido profundo do matrimónio cristão**

É importante conhecer os dados das ciências. Não devemos igualmente esquecer o que a arte e os meios de comunicação social nos oferecem sobre os relacionamentos familiares. Mas o mais importante para nós é o que Deus tem para nos dizer. A Palavra de Deus é muito realista, mas não nos deixa amarrados aos nossos instintos, salva-nos, resgata-nos dessas forças, faz-nos levantar a cabeça e brotar do nosso ser profundo o que de melhor existe.

O momento atual foi descrito pelo Concílio Vaticano II como um crisol para a família, que obriga a ir ao essencial, às raízes, à razão de ser, e que, por sua vez, evidencia os valores de que é portadora e transmissora (cf. GS 46 e ss.)

**2.1.Um olhar histórico**

Antes que houvesse tribos, estados, igrejas, existiu a família. A família é a mais antiga realidade social - fundamento das tribos, dos estados, das igrejas. Sem a família, cuja raiz generativa é o casamento unitivo e procriativo, nenhuma sociedade daria mais um passo na história.

O ritmo da família exprime sempre o ritmo da história. A família tem o seu fundamento (que é anterior à legitimação das igrejas, ao direito dos estados, ao costume das tribos) no projeto do Criador que desenhou o homem masculino e feminino como realidades semelhantes e, entretanto, diferentes; diferentes e, entretanto, complementares e, por isso, capazes de fazerem comunhão para se continuarem como se fossem múltiplos.

Génesis, venerável primeiro livro da Bíblia, dá-nos essa imagem fundadora da família.

A família evoluiu e está, ainda, a evoluir. Durante séculos, viveu-se a família, sem haver uma doutrina sobre a família. Houve o casamento que foi percebido segundo as tradições costumeiras e os princípios do direito romano; que foi assumido, à luz do Evangelho, pelos cristãos; que foi, depois, perfilado pela teologia cristã dos sacramentos.

Nos séc. XII/XIII, o casamento estava, certamente, contado entre os sacramentos (sistematizados como septenário). O concílio de Trento (séc. XVI) enquadrou-o nas perspetivas canónicas que vieram até ao concílio de Vaticano II (séc. XX). Mas a doutrina (teologia) cristã sublinhou, sobretudo, a realidade contrato/sacramento do casamento; deu menos atenção à família que persistiu, sobretudo, como realidade sociológica.

Grandes documentos papais (nos últimos 100 anos) mostram, ainda, isso mesmo: “*Divinum Arcanum*” (Leão XIII) reivindica, fortemente, a dimensão canónica do casamento contra as práticas civis (nascidas com a Revolução Francesa); “*Casti connubii*” (Pio XI) bate-se pela dimensão objetiva da realidade interna do casamento à luz da natureza; “*Humanae vitae*” (Paulo VI) prolonga, ainda, a perspetiva da realidade interna do casamento com tímida recusa da cultura civil.

Foi, com a “*Familiaris consortio*” (João Paulo II) que, pela primeira vez, um solene documento papal sublinha a dimensão familiar (expressa, aliás, no próprio título) e o reconhecimento da diferenciação social. Novos tempos se anunciaram, com “*Amoris Laetitia*” (Francisco).

Na sociedade patriarcal do passado baseada na autoridade, a estabilidade conjugal era, muitas vezes, garantida pelos ligamos de interesse patrimonial, de influência social ou política em que os sentimentos afetivos de reciprocidade ficavam para segundo plano.

Passamos, na atualidade, para outro extremo: **a exclusividade do ligame afetivo para manter unido um casal**, esquecendo a dimensão histórica, geracional, espiritual, religiosa, social e ética.

A fragilidade da família do passado tinha como causa acontecimentos involuntários, estranhos à vontade do casal, como a morte precoce de um dos membros, emigração, etc. Na sociedade contemporânea, deriva de uma escolha voluntária dos sujeitos envolvidos.

Emerge, portanto, na nossa sociedade um modelo de “matrimónio narcisista”, baseado sobre o “amor líquido” (Z. Baumann), que se distingue do “matrimónio tradicional”, do “matrimónio romântico” e do “matrimónio consumista” ou “de conveniência” pela exasperação do subjetivismo, que faz do outro um simples reflexo do eu.

**2.2.Ciências humanas e pastoral familiar**

É indispensável prestar atenção vigilante aos pressupostos ateístas e materialistas da psicologia. Reparar também nas psicologias humanistas e cognitivistas, que consideram o homem capaz de se auto-determinar autonomamente sem nenhuma referência à transcendência. São psicologias centradas no eu (*selfismo*), que ignoram o pecado original, para as quais a *relacionalidade* está em função do eu e por isso o outro, na medida em que perturba, é considerado obstáculo. As correntes psicológicas pessimistas são representadas pelas escolas que sustentam o determinismo, seja o das pulsões inconscientes (psicanálise e psicologia do profundo), seja o das influências ambientais (comportamentalismo e culturalismo).

Estamos, possivelmente, em condições de diagnosticar a grande “doença” do nosso tempo: a do reinado do “eu”. Neste império, o outro está quase sempre a mais, e não lhe é permitido ocupar senão três posições: uma coisa a possuir ou a deitar fora, um meio a utilizar para se atingir os fins ou um rival a eliminar. Por aqui compreendemos os idosos que esquecemos; as crianças que não queremos que nasçam, porque são um empecilho ao nosso conforto e bem-estar, alguém que vem desarrumar o nosso mundo, horários, etc.

As ciências humanas podem ajudar-nos a compreender e a explicar melhor como funcionam os relacionamentos entre as pessoas na vida familiar, mas é a Palavra de Deus que nos aponta o dever ser, um projeto, um ideal de vida elevado. Se ficássemos somente pelas ciências humanas, seria como visitar uma cidade somente nos seus túneis. Precisamos de contemplar a beleza da cidade, a beleza da família.

**2.3.O Sacramento do matrimónio**

Deus não tem um sonho de amor abstrato ou idílico sobre cada um de nós. No Filho, n´Aquele que, para espanto de Maria e José, responde que deve ocupar-se das coisas de Seu Pai, descobrimos o verdadeiro e concreto caminho do amor revelado, incarnado e doado.

Na verdade, existe um vasto campo semântico da palavra «amor»: «fala-se de amor da pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus. Em toda esta gama de significados, porém, o amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os outros tipos de amor se ofuscam» (*Deus caritas est* 2). É o amor nupcial entre homem e mulher que revela a excelência do amor de Deus realizado em Cristo.

Em toda a Escritura, especialmente os livros proféticos, vemos com frequência que Deus usa a linguagem nupcial para expressar e revelar a Sua relação única com o povo eleito de Israel. No entanto, antes disso, não apenas cronologicamente, mas também e acima de tudo teologicamente, no mistério divino uma verdade muito maior: o amor nupcial sempre foi a revelação original do rosto de Deus.

«O casal que ama e gera a vida é uma verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador. […] Sob esta luz, a relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade que, em Deus, contempla o Pai, o Filho e o Espírito de amor. O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente. […] Este aspeto trinitário do casal encontra uma nova representação na teologia paulina» (Al 11).

Quando o apóstolo Paulo escreve na sua Carta aos Efésios: «Por isso, o homem deixará pai e mãe e unir-se- à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande – eu digo isto com referência a Cristo e à Igreja!» (Ef 5,31-32), ele afirma que na criação de Adão e Eva, na sua criação para formar uma só carne, Deus sempre pensou no Grande Mistério em referência a Cristo e à Igreja.

O matrimónio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos» (Al 73). O mesmo e idêntico amor de Cristo dado na cruz para a Igreja é o mesmo amor dos cônjuges e vice-versa. Isso cria uma equação extraordinária que faz tremer somente ao pensar nisso. Os esposos, em virtude da graça do Sacramento do Matrimónio, **amam-se divinamente**, eles amam-se por Deus.

Não podemos esquecer que o Matrimónio é apenas o aperitivo da felicidade, mas não a própria felicidade. Quem anseia pela felicidade, não tente construir a casa eterna no Matrimónio. É sim a verdadeira porta de acesso ao sentimento que pode conduzir à alegria plena, mas parar na porta equivale a nunca participar do eterno banquete nupcial eterno.

Urge, portanto, uma verdadeira e necessária proclamação do Evangelho de Jesus Cristo às famílias, mostrando como «na encarnação, Ele assume o amor humano, purifica-o, leva-o à plenitude e dá aos esposos, com o seu Espírito, a capacidade de o viver, impregnando toda a sua vida com a fé, a esperança e a caridade. Assim, os cônjuges são de certo modo consagrados e, por meio duma graça própria, edificam o Corpo de Cristo e constituem uma igreja doméstica» (Al 67).

***A*** ***conjugalidade, parentalidade e fraternidade místicas, realistas e oblativas***, fundamentam-se na sublime arte cristã de amar que contém uma razão, uma tática, uma medida, um estilo, um horizonte, um tempo. A razão: ama porque ama; a tática: em primeiro lugar, não espera ser amado para amar; a medida: sem medida (com a medida da própria vida); o estilo: ama o outro como ele quer ser amado: o horizonte, um âmbito: ama todos; o tempo: o presente e sempre.

Tanto a pastoral pré-matrimonial como a matrimonial devem ser, antes de mais nada, uma **pastoral do vínculo**, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor quer a superar os momentos de provação. Estes contributos não são apenas convicções doutrinais, nem se podem reduzir aos preciosos recursos espirituais que a Igreja sempre oferece, mas devem ser também percursos práticos, conselhos bem encarnados, estratégias tomadas da experiência, orientações psicológicas.

Tudo isto cria uma **pedagogia do amor**, que não pode ignorar a sensibilidade atual dos jovens, para conseguir mobilizá-los interiormente. Ao mesmo tempo, na preparação dos noivos, deve ser possível indicar-lhes lugares e pessoas, centros ou famílias prontas a ajudar, como acontece com o CPM, onde poderão dirigir-se em busca de ajuda se surgirem dificuldades. Mas nunca se deve esquecer de lhes propor a Reconciliação sacramental, que permite colocar os pecados e os erros da vida passada e da própria relação sob o influxo do perdão misericordioso de Deus e da sua força sanadora» (Al 211).

**3. Acompanhar os noivos**

Constatamos que a realidade social, em que vivem hoje os noivos, os leva, frequentemente, para longe da proposta evangélica do Matrimónio. Sabemos também como a Boa Nova de Jesus Cristo oferecida como caminho de vida feliz não pode ser adiada. É, por isso, tempo e ocasião de sermos ousados, movidos pelo testemunho da alegria da fé e o contágio da esperança.

É toda a comunidade cristã que é chamada a envolver-se mais profunda e amplamente na preparação dos noivos para o matrimónio. Mas, dada a complexidade social e a aceleração a que a família está hoje sujeita, uma preparação mais atualizada e apurada de agentes pastorais torna-se essencial: “Os itinerários e cursos de formação destinados especificamente aos agentes pastorais poderão torná-los idóneos a inserir o próprio caminho de preparação para o matrimónio na dinâmica mais ampla da vida eclesial” (AL 204).

O Papa Francisco enuncia os elementos que devem estar presentes num itinerário de preparação para o matrimónio: “Não se trata de lhes ministrar o Catecismo inteiro nem de os saturar com demasiados temas (...). Interessa mais a qualidade do que a quantidade, devendo-se dar prioridade – juntamente com um renovado anúncio do *kerygma* – àqueles conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, os ajudem a comprometer-se num percurso da vida toda (...). Trata-se duma espécie de «iniciação» ao sacramento do matrimónio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar” (AL 207).

A preparação mais imediata para o matrimónio deverá conhecer uma nova vitalidade. É verdade que muito se tem feito neste âmbito ao longo das últimas décadas. **Recorde-se com profunda gratidão o CPM**. Mas, cada vez mais nos tempos atuais em que a vida ganha ritmos alucinantes, é necessário uma contínua avaliação e renovação para uma preparação que se vá sempre ajustando às necessidades de cada tempo. Estas características do nosso tempo obrigam-nos a questionar conteúdos e modos de preparar os noivos para o matrimónio e a encontrar, com criatividade e profundidade, os meios adequados para um acompanhamento apropriado que ajude, de facto, os noivos a iniciarem uma nova etapa de vida. **Foi tudo isto que motivou a elaboração do excelente “Guia para noivos e família” – “Caminhada em Matrimónio”. Muito obrigado e parabéns pelo precioso trabalho!**

**4.Integrar os casais jovens**

Numa época em que o sentimento e o imediatismo imperam como critérios de vida, torna-se essencial formar para o verdadeiro amor. Porque “se o amor se reduzir a mera atração ou uma vaga afetividade, isto faz com que os cônjuges sofram de uma extraordinária fragilidade quando a afetividade entra em crise ou a atração física diminui” (AL 217). De facto, mais do que um sentimento, o amor é uma opção que conduz à ação (cf. AL 94). Os esposos não se podem prometer que vão sentir sempre um grande e caloroso afeto um pelo o outro todos os dias das suas vidas. Mas podem, sim, prometer amar-se mutuamente até ao fim.

O sentimento é de uma ordem mais superficial, vai e vem. Mas o amor é da ordem da vontade e permanece além, e até mesmo contra, todos os obstáculos que a vida possa trazer. Em última instância, um casamento dura porque os esposos decidem que dure. Por isso, “torna-se indispensável o acompanhamento dos esposos nos primeiros anos de vida matrimonial para enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até ao fim” (AL 217).

É necessária uma maior eficácia no cuidado pastoral, que se realiza onde o acompanhamento não termina com a celebração das núpcias, mas abrange, pelo menos, os primeiros anos de vida conjugal. Através de colóquios com cada casal e momentos comunitários, tente-se ajudar os jovens esposos a adquirir os instrumentos e os apoios para viver a sua vocação. E isto não pode acontecer senão através de um percurso de crescimento na fé dos casais.

**São também importantes os pequenos grupos de famílias,** onde se possa escutar juntos a Palavra de Deus, sobretudo nas ocasiões importantes da vida pessoal e familiar, deixando-nos “visitar” (como Maria) pela Palavra, para que ela nos envolva e nos converta.

Mediante a **Palavra**, a comunidade cristã oferece ao mundo uma mensagem concreta como **chave para a interpretação da vida e da história humanas**, fazendo dos cristãos **“profetas de sentido e inimigos do absurdo**” (P. Ricoeur), semeadores, anunciadores e testemunhas da Esperança!

Trata-se de procurar abrir os ouvidos e o coração à Palavra de Deus juntamente com os que estão à nossa volta, deixando que dê sentido à vida, para que sejam vividos com beleza as circunstâncias festivas e com coragem os momentos de prova e sofrimento. É para isto há que multiplicar pequenos grupos ao redor da Palavra de Deus.

A partir da escuta, vivência e partilha orante da Palavra de Deus é possível “tecer” comunidades que **sabem acolher e que procuram sair em missão a semear a esperança**.

**Conclusão**

Há muitos sinais negativos ligados ao matrimónio exclusivamente afetivo, como a violência e o sofrimento social pelas separações traumáticas do casal, a crise da “ideologia do género” com a indiferenciação dos sexos, a perda da identidade da dimensão masculina, a possibilidade de conceber o matrimónio também entre homossexuais excluindo a procriação, o sofrimento na separação do casal, o sentido de abandono nos filhos de pais separados, etc.

Também não é possível regressar à família patriarcal e não adiante tentar tornar ilegítimo o modelo atual do casal baseado na afetividade. Há que acrescentar à dimensão sentimental do enamoramento outras dimensões para uma maior estabilidade do casal. Urge alargar horizontes ao casal através dos filhos, do sentido de pertença à igreja e sociedade, cultivando uma ***conjugalidade, parentalidade e fraternidade místicas, realistas e oblativas, fundadas no amor agápico***.

A família define-se, fundamentalmente, pela relação interpessoal: do homem e da mulher como esposos, dos pais e dos filhos, dos irmãos, dos avós e demais membros da família. As relações interpessoais fazem da família uma comunidade de pessoas, cuja forma de vida é a comunhão. Esta requer dinâmicas e atuações concretas:

- Situando o amor como princípio, força e alma da comunhão: Sem o amor a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas (FC 15, AL 89).

- Fazendo que o amor ajude na edificação das pessoas: fonte e estímulo para colher, respeitar e promover cada um dos seus membros na dignidade de pessoas (FC 22, AL 105).

- Promovendo atitudes para que a riqueza da comunhão impregne a vida familiar:

-atitudes de gratuidade: acolhimento cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda (F.C. 43, AL 99).

- atitudes de permanente reconciliação: disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão (F.C. 21, AL 106-107).

- atitudes de respeito e promoção da singularidade pessoal: da sua vocação, a estabilidade afetiva (equilíbrio afetivo) (AL 110).

- Favorecendo as formas efetivas de participação na vida familiar em que todos se sintam corresponsáveis, segundo a função própria de cada um (pais, filhos…) (AL 196-198).

O grande anúncio que Cristo trouxe ao mundo e que sempre devemos reiterar em todos os lugares e em cada momento é que Deus tem um Grande Sonho para todos, ninguém é excluído. Qual é o Grande Sonho de Deus para todos? As núpcias eternas com cada criatura humana, de que o Matrimónio é sinal e anúncio!

*Nuno Manuel dos Santos Almeida*

Bispo Auxiliar de Braga e membro da CELF (Comissão Episcopal do Laicado e Família)